

AS PROTEÇÕES CONTRA O MAL NA FOLIA DE REIS DEVOTOS DOS MAGOS, DE UNAÍ MGⁱ

Nos relatos de integrantes da Folia de Reis *Devotos dos Magos*, de Unaí – MG, é possível perceber que acontecimentos e situações negativas que acontecem durante o giro da folia – como perda momentânea da voz, desafinação do grupo etc. – são, geralmente, atribuídos à maldade alheia, especialmente à inveja de integrantes de outros grupos de folia. Neste trabalho, são apresentadas algumas linhas que podem ajudar a entender a explicação dada pelos foliões e o seu contexto. Antes, contudo, de adentrar o tema específico deste ensaio, cumpre apresentar, em linhas gerais, a Folia de Reis, de modo a facilitar – ou mesmo propiciar – o entendimento dos acontecimentos que iremos relatar.

Folias de Reis são cortejos religiosos populares que giram, tradicionalmente, do Natal até o dia de Reis (6 de janeiro), representando a viagem dos Três Reis do Oriente, guiados por uma estrela, para adorar o menino Jesus. Revivendo e atualizando no ritual a viagem de Gaspar, Baltazar e Belchior a Belém, de casa em casa, o pastorinho – ou palhaço – se dirige aos moradores explicitando os motivos de sua visita e pedindo licença para o alferes se aproximar com a bandeira – que traz a imagem da chegada dos Três Reis na lapinha – e o grupo de Folia de Reis fazer seu cantório. Nas casas, o grupo cumpre as funções religiosas estabelecidas em um ritual complexo e detalhado e pede donativos para fazer a festa para os Santos Reis na entrega da folia.

A atuação dos foliões se faz por meio da música. Por seu intermédio, o capitão também se comunica com os donos da casa e com os festeiros. A música é, portanto, central nas funções da Folia de Reis e indissociável das obrigações religiosas e da devoção que por meio dela se expressa. Neste sentido, embora presente, o prazer estético de ouvir e cantar, tocar e dançar, é secundário no contexto do ritual. Ao apresentar os cantos, os foliões – normalmente, bons músicos e alguns excepcionais –, estão, antes de tudo, expressando sua devoção, não raro, cumprindo uma promessa.

As narrativas presentes no cantório têm sua fundamentação em passagens bíblicas ligadas às profecias do Antigo Testamento a respeito da vinda do Messias e do Novo Testamento sobre a aparição do Anjo Gabriel para anunciar a Maria sua concepção pelo Espírito Santo, o nascimento de Cristo e a viagem dos Magos do Oriente para adorar o menino Jesus na lapinha, em Belém, além de seu encontro com Herodes. O intuito central do giro da folia é propagar e celebrar estes acontecimentos e, nestes termos, é percebido por muitos foliões como uma evangelização.

Há que considerar, entretanto, que, ainda que haja a fixação escrita dessas passagens em “tabelas”, isto não constitui a regra de sua transmissão em contextos em que “a leitura é pouca”. Os cantos que narram tais passagens bíblicas são muitas vezes preservados e transmitidos oralmente e guardam um traço cultural coletivo, mesmo nos casos em que a autoria seja conhecida, prevalecendo a estreita conexão do talento individual e da criatividade do capitão ou embaixador com saberes, fazeres e valores da comunidade. As toadas e cantos da Folia de Reis trazem a marca da sensibilidade dos foliões que, contrastando com seu cotidiano de trabalho duro, se revela na leveza de um cantório ao mesmo tempo rústico, quicá rude, e delicado. Simples em sua harmonia e deveras complexo na sobreposição e encaixe das vozes. Na qualidade de objetos simbólicos criados por homens do povo, esses cantos têm ligações diretas com as condições concretas da batalha pela sobrevivência de uma gente que saiu da roça para exercer ofícios mecânicos na cidade ou que continua trabalhando como lavradoresⁱⁱ.

Distintamente, contudo, dos rumos de secularização e racionalização tomados pela sociedade urbana, industrial, moderna apontados por Weber (2004), na concepção da sabedoria popular, o mundo da necessidade está longe de ser desencantado. Alfredo Bosi (1993 e 2002) mostra como o realismo no trabalho e na esfera econômica básica está associado com a sobrevivência em um universo potencialmente mágico, construído de acasos, azares e sortes, estando sujeito à intervenção de potências malignas e benignas. Assim, sendo o ritual da Folia de Reis voltado para a promoção da bem aventurança e atração das bênçãos do céu, na mesma medida e em sentido inverso ele deve esconjurar as forças malignas.

Nesta operação ritual, a bandeira dos Santos Reis ocupa lugar central e constitui meio privilegiado para a intermediação com a ordem supramundana. Ela é vista como capaz de trazer as bênçãos e as graças de Deus, de propiciar ganhos materiais e de curar enfermos. Ao receber a bandeira e passá-la pelos cômodos da casa, os devotos almejam receber bênçãos e purificar sua casa, limpando as energias negativas. E “esperam que esses benefícios venham diretamente do objeto material, por meio de sua presença, proximidade, visibilidade e contato” (BITTER, 2010, p. 129).

Há que considerar, entretanto, que, ainda que a bandeira torne os Santos Reis presentes na casa do devoto, o ritual como um todo é mediado em diversas instâncias. Dentre elas, o capitão, que puxa o cantório, ocupa lugar de destaque. Ele também é responsável direto pela intermediação das forças sagradas. Para bem exercer sua missão, deve conjugar habilidades musicais, capacidade de liderança e conhecimento do fundamento da folia. Os versos podem ser fixos – da tabela – ou criados na hora. Neste caso, eles podem ser, mais do que um improvisado, inspiração divina.

Como a arte de outros mestres da cultura popular, também o cantório da Folia de Reis, ao mesmo tempo em que guarda utilidade para as necessidades práticas da vida, revela-se misterioso ao lidar com uma força transcendental. O povo reconhece tais mestres como homens e mulheres dotados de força íntima e capazes de agir como intermediários entre o semelhante e o plano do sagrado (BOSI, 1993 e 2002). Daí porque a bênção que o capitão ou embaixador de folia traz – em nome dos Santos Reis – é tão desejada.

Nesta empreita, ele é acompanhado pelo grupo que tem – não obstante pequenas variações entre grupos e regiões – os seguintes integrantes e funções (cada uma desempenhando um papel ritual específico e obedecendo a uma série de prescrições e interdições):

Alferes ou bandeireira – Carrega a bandeira com a imagem dos Reis Magos que, por constituir objeto sagrado por excelência da folia, deve sempre ir à frente do grupo;

Palhaço. Acompanham e vigiam a bandeira. Fazem a consulta ao dono da casa para saber se estes aceitam o cantório. Nos arcos e em frente ao presépio, costumam declamar versos referentes à história do nascimento e por isso devem entender tanto do fundamento da folia como o capitão. Executam danças e fazem brincadeiras com os donos da casa, geralmente pedindo presentes para si. Nas funções de maior sacralidade, mantém a máscara levantada.

Resposta. São os integrantes, normalmente instrumentistas, que repetem um ou mais dos versos cantados pelo capitão ou embaixador;

Sanfoneiro ou rabequeiro. Normalmente não participam da resposta. Seu toque dá a linha melódica para o canto do capitão;

Caixeiro. Responsável pela batida que sustenta o andamento do cantório. É também função de muita responsabilidade, uma vez que à caixa é atribuída a propriedade de sustentar a energia do grupo em situações de *atrapalho*.

Os foliões, em seus vários papéis, constituem, todavia, apenas uma das partes de um sistema de relações e trocas mais amplo, que compreende também os devotos –

festeiros, moradores visitados, aqueles que dão os almoços e jantas e os pousos. Estes, ao estabelecerem uma relação de compromisso com a Folia de Reis, se comprometem no mesmo ato com os próprios Reis Magos, além de outros santos (BITTER, 2010), muitas vezes por meio de uma promessa.

O giro da Folia de Reis amalgama uma extensa rede de reciprocidades, de obrigações mútuas em que são trocados serviços religiosos, gentilezas, refeições, dinheiro, bênçãos, entretenimento. Esta rede de reciprocidade perpassa diversos aspectos da realidade (econômico, estético, moral, religioso) e envolve trocas em dois planos: entre os homens, especificamente entre o grupo de Folia de Reis e os devotos visitados; e trocas entre os homens (grupo de folia e devotos visitados) e as divindades. Com relação às últimas, releva notar, conforme a indicação de Mauss (2003) que constitui um sistema de trocas em que participam tanto os deuses como os homens, com benefícios mútuos e recíprocos.

O **Giro** compreende todo o período em que a folia sai, revivendo, em cada casa visitada, a noite de adoração ao menino Deus pelos Três Reis do Oriente e recolhendo donativos para um banquete comum em seu encerramento que, tradicionalmente, acontecia no dia 6 de janeiroⁱⁱⁱ. O número de dias do giro, posto varie, é muitas vezes associado à duração da viagem dos Magos do Oriente até Belém.

Alvorada, arvorada ou saída da folia é o primeiro rito do giro. Reunidos os foliões, na casa do capitão ou do festeiro – chamado de imperador em algumas localidades –, a bandeira, que fica guardada em local especial, geralmente sob os cuidados do capitão, é retirada para o início do giro. Em alguns grupos este momento é bastante ritualizado. Em outros, apenas precedido de uma prece silenciosa do capitão.

A **Visita ao morador**, mesmo sendo costumeira ou já tendo sido previamente acertada, é sempre precedida da consulta aos donos da casa para saber se eles querem receber a bandeira dos Três Reis e se dão licença para a Folia entrar na moradia. Nas folias que usam palhaço, eles se incumbem desta tarefa. As visitas podem ser por devoção e, neste caso, o cantório tende a ser breve. A companhia canta um verso de saudação ao morador, que recebe a bandeira e a leva para benzer todos os cômodos da casa, e o guia pede a oferta para a festa. Quando a visita é devida a pagamento de promessa, o capitão se informa do teor da mesma e, intermediando a relação do devoto com os Santos Reis, anuncia seu cumprimento.

Nos **almoços e jantas**, a companhia se aproxima da casa e os palhaços pedem licença para o grupo chegar, ou é entoado um canto de chegada ou de porta. Onde é costume montar os arcos – que, segundo alguns, também simbolizam as paradas dos Reis –, há o revezamento entre o cantório e declamação de versos pelos palhaços. Rompendo os arcos, a companhia chega até o altar em que está montado o presépio. Terminado o cantório, é servido o almoço ou o jantar para os foliões e visitantes. Com as panelas postas em cima da mesa, os foliões se reúnem em volta dela para cantar o bendito de mesa. Este é um canto de agradecimento a Deus, aos Santos Reis e ao dono da casa pela comida ali servida. Nos almoços e jantas, os foliões são recebidos com festa e, mesmo que a casa seja humilde e os donos de poucas posses, sempre há fartura. Para isso, normalmente contam com a ajuda de vizinhos, parentes etc.

Nas casas onde têm o almoço ou a janta, é costume os donos da casa promoverem a reza do terço, que pode ser cantado. Nas localidades em que a janta coincide com o pouso, é comum ter uma parte de diversão uma vez desobrigados da devoção. Neste momento prevalecem as cantorias, pagodes, curraleiras, catiras, lundus, que compõem o universo musical caipira.

O **Pouso** denomina tanto a casa em que a folia encerra as atividades do dia como as

respectivas funções rituais ali desempenhadas. Em algumas localidades, ele se dá na casa onde é a janta. Onde isso não ocorre, o pouso pode ou não estar agendado. No último caso, muitas vezes já durante a madrugada, o capitão, depois de obter a licença para entrar na casa do morador e cantar alguns versos relativos às profecias e fundamentos, emenda um pedido de agasalho para a bandeira e os instrumentos e de pouso para os foliões. Vale ressaltar que, em geral, esses pedidos de pouso se dão nas casas de moradores que mantêm uma relação mais estreita com a Folia, sendo considerados *gente de casa*.

O encerramento do giro é feito com a **Entrega da bandeira**. Nesta ocasião aquele ciclo é fechado e a coroa é passada para o festeiro do ano seguinte. A bandeira será recolhida à casa do capitão até o próximo giro (eventualmente até o cumprimento de alguma promessa, participação em encontro de folia etc.). Em muitas folias, a **Festa de encerramento** é iniciada imediatamente após a entrega com um banquete para os foliões e visitantes, ao que se segue uma festa.

No giro da Folia revive-se a viagem dos Três Reis do Oriente para visitar o menino Deus, com todas as suas peripécias e vicissitudes. Como todo o ritual é vinculado à narrativa “mítica” das circunstâncias do nascimento de Jesus, a presença do mal é uma constante, ainda que não manifestado em algum empecilho ou desventura. E não poderia ser diferente, uma vez que “quando foi na marcha dos Três Reis” eles tiveram que passar pela cidade do Rei Herodes que, ao saber do nascimento do Rei Messias decide encontrá-lo e matá-lo. Avisados em sonho profético que o Menino que eles foram adorar é alvo do desejo de destruição por parte do rei Herodes e seus soldados, os Reis Magos fazem um caminho de volta diferente, evitando o encontro com Herodes. Assim, está inscrita na própria narrativa que origina a Folia de Reis, que celebra o nascimento do Menino Deus que veio para nosso bem, a necessidade de evitar, de se livrar do mal. Daí que, no espaço do ritual, os foliões lidam com as forças da desordem e do caos e buscam, na e por meio da instauração da ordem e do cosmos promovida pela Folia de Reis, a preservação ou restauração da bem-aventurança.

Os relatos e depoimentos apresentados a seguir foram recolhidos em pesquisa de campo realizada com a Folia de Reis *Devotos dos Magos*, de Unaí – MG^{iv}. Neles comparece uma visão do mundo em que estão presentes tanto as forças benéficas quanto as maléficas. E, se as bênçãos são tão desejadas, é porque a ameaça das forças negativas é sempre iminente e todo esforço dos foliões é direcionado para afastá-la (BITTER, 2010). O primeiro relato é do capitão Domingos David:

Porque existe a maldade. Não sei, mas na minha terra, quando eu tinha meus 10, 11 anos, tinha aqueles capitão que dizia: “essa folia não vai cantar”. E acontece! Isso já aconteceu com nós aqui em Unaí. De nós ir cantar numa folia, pra entregar a folia. E, chega lá, cê bate o instrumento. O instrumento tá certo. Vamos cantar! Quando nós chega lá, o instrumento tá prum lado, a voz tá pro outro. Não dá pra cantar! Cada um tá dum jeito. Você vai responder e eu vou fazer segunda, nós dois não entende. Aquilo já é uma pessoa fazendo maldade.

A percepção da vigência do mal não precisa recuar até as fantasias hipertrofiadas do demônio da Idade Média e da Idade Moderna, com o Tribunal do Santo Ofício e a perseguição aos hereges e às bruxas. Ela está, entretanto, presente na Oração do Pai-nosso que é, quiçá, o pecúlio comum de toda a cristandade: “não nos deixei cair em tentação, mas livrai-nos do mal”. E para a argumentação que segue, interessa, sobretudo, a versão da Igreja Ortodoxa: livrai-nos *dos maus*. É o mesmo sentido que aparece em *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa (1976): “o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que

não tem diabo nenhum. Nenhum!”

Nos relatos, o mal comparece por meio de um agente. Um depoimento bastante elucidativo sobre a presença de forças do mal, capazes de minar as defesas naturais dos indivíduos e gerar todo e qualquer tipo de desventura, é o de Adélio Simplício, sexta voz, caixeiro e coordenador^v da Folia:

Um ano a gente foi concluir um voto de uma pessoa, em Abaeté MG, e tinha uns foliões mais velhos lá que tinha umas maldades. No dia de fazer uma entrega, um guia pegou a roupa do palhaço e foi trabalhar de pastorinho com a gente. O sistema dele era diferente do da gente. Não batia. Você ia fazer uma coisa e ele começava a te repelir. Aquilo foi magoando. Contrariando um, contrariando outro. No último dia, quando a gente parou pra descansar antes da entrega, ele foi embora e falou: “cês me espera à tarde, que eu venho pra gente fazer a chegada”. Mas a cidade era muito longe e tava todo mundo com vontade de vir embora. [Alguém, então, falou:] “Gente, não dá pra esperar o moço. Vamos fazer nossa obrigação”. Quando ele chegou, nós tava dentro da casa, fazendo a obrigação. E eu tava batendo caixa e fazendo a sexta voz. Alguém que tava na porta, viu ele chegando e arrastando o dedo na traseira de um caminhão. E fez um sinal da cruz por lá. Deu um bicho, um troço na minha garganta. Torou minha voz. Sumiu. Apagou. E eu falei: “meu Deus, que que aconteceu comigo?” No momento eu só ajoelhei pra diante do altar. Naquele momento eu implorei aos Três Reis que livrasse de mim qualquer coisa que tivesse sido, que eu nunca tinha passado por aquilo. Daquele dia pra frente, quando eu abro a garganta - porque eu voltei a cantar novamente - eu sinto uma benção. Foi a coisa que mais me tocou. Que mais me passou medo e, no mesmo instante, me mostrou o momento da fé.

No relato de Adélio subjaz uma concepção do mundo dividido em duas partes complementares: este mundo, dos eventos perceptíveis e o outro mundo, das causas invisíveis dos acontecimentos percebidos. O primeiro é habitado por gente, que nasce e morre e experimenta tribulações provocadas em grande parte pela ação de forças ruins, contra as quais buscam proteção dos poderes do bem. O segundo é habitado por ancestrais e espíritos diversos, que afetam a vida das pessoas deste mundo, diretamente ou por intermédio de algum líder religioso. A comunicação entre os mundos seria possível por meio de ritos executados por líderes religiosos com conhecimento mágico, também chamados – do ponto de vista deste ensaio, sem qualquer conotação pejorativa – feiticeiros.

Seja este “trabalho” consciente, premeditado e segundo fórmulas mágicas estabelecidas, ou inconsciente e não premeditado, o fato é que

nessa percepção do Cosmos, uma dimensão “invisível” é largamente coextensiva às outras dimensões visíveis e tangíveis. Desse modo, *rogar uma praga*, como dizem, é um gesto que, inserido em determinado contexto, produz efeitos percebidos como concretos. A rivalidade, a disputa por reconhecimento, autoridade e prestígio, dentro e fora da *folia*, o surgimento e a intensificação de certos sentimentos e emoções subjetivas, bem como as atitudes morais constituem esse pano de fundo para a manipulação consciente de forças, convencionalmente reconhecidas como eficazes (BITTER, 2010, p. 190).

Na Folia de Reis, o capitão e o palhaço são as figuras que lidam com o mal. O palhaço, mais diretamente. E o capitão mais vinculado ao antídoto contra o mal, devendo

ser capaz de “rodear” ou neutralizar as forças malignas, “pegando” com Santos Reis. A este respeito, é interessante notar como os depoimentos do capitão Domingos David e do pastorinho Valdacir Martins de Melo, se sobrepõem e reforçam mutuamente.

Existe as folias que existe aquelas pessoas maldosa. Não sei se você já observou isso. (...) Eu acredito muito na folia de Reis. Porque, quando Jesus nasceu, a folia que apareceu foi Folia de Reis. (...) Os Reis não conhecia um ao outro. Cada um saiu de sua cidade e toparam numa estrada. Daquela estrada é que formaram os três. Na verdade, Eles eram quatro, porque tinha o palhaço. Ele é o certo da folia. Porque quando os reis foram pra poder visitar Nossa Senhora, eles tinha que passar pelo Rei Herodes; igual passaram. Rei Herodes queria saber uma coisa, queria saber outra. Perguntava a eles: “a hora que vocês achar, cês passa aqui pra contar onde é que tá, que nós também quer visitar”. Mas, como se diz, eles queria visitar, porque eles tava na idéia de matar tantos meninos, naquela época, pra poder matar nosso senhor Jesus Cristo. Não é verdade? (...) Pra poder segurar o Rei Herodes, tinha o palhaço. Os Três Reis ia na frente. O palhaço ficava pra trás, fazendo aquelas mesura, aquelas gracinha, aquelas dancinha. E nisso ele atrapalhava o Herodes sair pra poder procurar. Porque os Reis não ia contar que viu nem que não viu. (Domingos David)

A maldade é constitutiva e está na própria origem da Folia de Reis. E, nesta explicação das origens, compete ao palhaço estabelecer relação direta, face a face, com o mal.

O Palhaço foi unicamente uma ajuda que impedisse que o Herodes acompanhasse a marcha dos três Reis. Igual o Domingos falou, “se você achar você volta pra me avisar, porque eu também quero visitar.” E ele não queria visitar. Ele queria matar, queria destruir o menino Jesus. Então o palhaço envolveu ele enquanto os três Reis distanciava. Até que quando ele chegou lá, Maria, São José e o menino Jesus já tinham levantado e fugido. (Valdacir)

O mito organiza o rito. As forças benéficas lhe são inerentes tanto quanto as malélicas. Elas ocupam, entretanto, posições diferentes. E as regras, obrigações e proibições – sem desconsiderar eventuais transgressões – demarcam limites e diferenciam os respectivos papéis dos foliões; delimitação e diferenciação ligadas a uma moralidade das ações (BITTER, 2010). Como o ritual, todavia, precisa, simultaneamente, reunir as forças benéficas e malélicas e separá-las adequadamente, promovendo as primeiras e amansando ou evitando as segundas, esta fronteira se torna fluida e permeável e, notadamente, os papéis do capitão e do palhaço, complementares e, em alguma medida, reversíveis.

Deste modo, prevalece na Folia de Reis uma tendência a atenuar e tornar comunicáveis, dentro de certos limites, as polaridades do bem e do mal, do alto e do baixo, do sagrado e do profano. O palhaço é, nela, a figura mais vulnerável, já que lida de forma mais direta com potências perigosas. Por isso mesmo, está submetido a um maior número de regras e interdições. Com a máscara no rosto, ele não deve se aproximar do presépio, já que a própria aparência grotesca da máscara refere-se simbolicamente a seres malélicos. Esta mesma aparência grotesca, às vezes monstruosa, visa, por outro lado, afugentar as potências negativas. Assim, a máscara é veneno que, devidamente controlado e amansado, converte-se em antídoto.

O palhaço é a figura por excelência que realiza o trânsito entre o bem e o mal, o alto e o baixo, o divino e o diabólico na Folia de Reis. Mas o capitão também precisa ter competência para exorcizar o mal. Ainda que seu lugar e papel na folia seja o do bem, ele precisa, para melhor combater, conhecer e, portanto, conviver de alguma forma com o mal. As posições do capitão e do palhaço, embora axialmente opostas, são, portanto, complementares e em grande medida reversíveis, devendo o palhaço entender das profecias e do fundamento tanto quanto o capitão e poder dizer em verso o que aquele diz cantando; do mesmo modo como o capitão deve saber suprir pelo cantório eventuais lacunas ou falhas do palhaço na chegada de uma casa.

É esta situação que explica a série de atos rituais realizadas pelo capitão Domingos David no início e na retomada do giro a cada manhã.

Aquela volta tem a ver com a maldade. Aquela volta praticamente em toda folia eu faço. A hora que tiver todo mundo reunido, a gente para, afina (os instrumentos), veste as camisa. Aí a gente chega, tem umas palavras que a gente fala na hora que a gente vai beijar o Santo. Que eu sempre gosto de ser a pessoa que vai beijar primeiro. Porque a gente vai beijar e sair. Sempre eu falo: “óh gente, eu vou na frente”. Aí eu beijo o Santinho ali. Quando eu vou sair, que eu dou aquela volta, aí eu já vou rezando as coisas que eu quero rezar. Rezo, rezo, rezo. Ando, ando. (...) Então, a gente tá pondo tudo junto, pra poder dar tudo certinho. Então quer dizer que a gente tá tirando aquelas maldade daquelas pessoas. (...) Essa proteção a gente faz até chegar em casa. (...) Porque eu acredito que entra a noite e tem muita coisa, não tem? Então, hoje nós tá fazendo. Tá tudo certinho. Mas nós num sabe. Nós vai dormir, hoje. Amanhã, pode já mudar. A gente não sabe! Então a gente faz outra vez, amanhã. (...) Então, todo dia a gente beija o santinho e dá aquela voltinha. Aquela voltinha a gente dá ela sem o chapéu. Tira o chapéu. A hora que a gente termina, que a gente chega na frente da bandeira, a gente pede a Deus e a gente não conversa com ninguém durante um tempinho...

Além da atuação do capitão e do palhaço, ainda outro elemento é apresentado como eficaz no enfrentamento das forças do mal e no restabelecimento do equilíbrio do cosmos na Folia de Reis. Segundo Francisco Paulo da Silva, que faz a quarta voz e bate pandeiro na Folia de Unaí, a caixa é imprescindível no giro da folia. Por ser o único instrumento que não *atrapalha* na folia, isto é, que não desafina ou sofre qualquer outro dano mediante alguma maldade que possa ter sido desejada contra o grupo, ela é a responsável pela *desalvorada dos instrumentos*:

Às vezes tem uma pessoa que quer fazer uma maldade com nós que vai atrapalhar um instrumento, atrapalhar uma coisa; e a caixa é o único instrumento que não atrapalha na folia. Toda hora que você bater, ela tá perfeita. (...) Então, quando o capitão entende, (ele) passa o caixeiro pra frente e passa pra trás. Ela *desalvora* a folia. E sem uma caixa, não tem como...

Assim, quando o capitão *entende*, ou seja, quando o guia da folia realmente conhece os fundamentos do ritual e consegue perceber a presença do mal, ele conduz o caixeiro do final para o início da fila. Com esta ação, garante a proteção do grupo e restabelece o equilíbrio da folia. Percebe-se, na explicação, também, uma extrapolação das funções estritamente utilitárias da caixa enquanto mero objeto (GONÇALVES, 2007) – nesse caso, instrumento musical responsável pela batida que sustenta o andamento do cantório. Aliada à figura do caixeiro, a caixa tem a propriedade de sustentar a energia do

grupo, fazendo a mediação entre o plano físico e as forças invisíveis, ajudando a restaurar a energia do grupo em alguma situação de *atrapalho*.

Esta última situação descrita difere, todavia, das anteriores com relação à forma do antídoto contra o mal. Naquelas, embora ao lado de outras ações, prevalece o poder criador da palavra. No depoimento de Adélio, a neutralização da força maligna que o deixou sem voz se dá pelo ato de ajoelhar diante do altar e implorar a ajuda e intervenção dos Três Reis Santos; que se revelaram mais fortes e mais poderosos que qualquer mal no episódio. O mesmo se dá no depoimento do capitão Domingos David. Paralelo à ação de dar três voltas rodeando o grupo, sobressai o poder da reza e das orações.

Amplamente reconhecidas no universo da cultura popular, essas pessoas – guias de folia, benzedores, capitães de congado – são consideradas capazes de estabelecer uma mediação entre as atividades e acontecimentos do cotidiano, do universo terreno, e a esfera onde circulam as causas invisíveis – as energias responsáveis pelo que acontece “aqui”, no dia a dia. Atuando como mantenedores do equilíbrio dos homens e do mundo, esses mestres, em sua maioria, exercem esse poder a partir de suas capacidades de manipular as palavras com a devida sabedoria e, por meio desta capacidade, promoverem a cura e o restabelecimento da ordem e do equilíbrio do mundo.

Apesar de seu Domingos David não utilizar o termo benzeção ou em qualquer momento afirmar que está benzendo o grupo, encontramos muitos elementos comuns entre esse “livrar do mal e assegurar o equilíbrio” por meio de orações e gestualidade ritual, e as informações levantadas por Núbia Pereira Gomes e Edimilson Pereira (2004) em trabalho sobre as práticas de cura pela palavra em rituais de benzeção. Os autores conceituam a benzeção como uma linguagem oro-gestual com a qual algumas pessoas controlam as forças que contrariam a vida harmoniosa dos homens, garantindo o funcionamento da normalidade desejada: falando ao inconsciente, de onde se retira a doença e onde se coloca a saúde, restaurando o equilíbrio. Em ambos os casos – nos rituais de benzeção e nas proteções de Seu Domingos David – é por meio do poder criador da palavra^{vi} que se viabiliza a promoção do equilíbrio e o afastamento do mal. A palavra está no princípio do mundo. O valor intrínseco do Verbo, dotado de força criadora e modeladora de todas as realidades, é por demais conhecido dos deuses. Antes de ser realidade palpável, as coisas são realidade lingüística sensivelmente manifestada (GOMES & PEREIRA, 2004).

Nos casos apresentados – em que, em função de forças malévolas mobilizadas por certo folião, num caso “o canto tá pra um lado e voz tá pra outro” e no outro há a perda momentânea da voz – percebe-se a semelhança com os casos de quebranto e mau-olhado^{vii}. Ambas as “enfermidades” são provocadas por uma pessoa que “quebra” nossas defesas pessoais, instituindo um estado de azar generalizado, perda do vigor físico e uma constelação em que nada na vida do indivíduo encaminha ou dá certo. Nas crianças, o quebranto pode provocar doença e enfraquecimento. Do mesmo modo, o restabelecimento do equilíbrio na Folia de Reis guarda semelhança com as prescrições para os casos de quebranto e mau-olhado.

Esta percepção da proximidade e transitoriedade entre o mundo físico e o sobrenatural – com a presença iminente das forças desequilibradoras e da conseqüente necessidade de invocar as potências benignas para “consertar o mundo” –, embora típica da cultura popular, também abrange uma amplitude social mais extensa. Pessoas de diferentes camadas sociais – mesmo as que circulam por meios secularizados, com acesso à ciência, ao sistema de educação formal e aos meios de comunicação de massa – admitem também estar eventualmente envolvidas pelas forças típicas do “mundo encantado”. E isto se apresenta em expressões corriqueiras como “olho de secar pau”, “olhar de secar pimenteira”. Basta que essas pessoas desconfiem das más intenções de alguém – com

inveja do progresso alheio, ou das qualidades e dos bens do outro – para chamar para si as proteções das forças benígnas (GOMES & PEREIRA, 2004).

É o caso ainda dos espelhos estrategicamente colocados na entrada das casas e apartamentos, de modo a fazer com que qualquer energia negativa retorne ao emissário que acaba de entrar. Item a Espada de São Jorge no jardim e o uso de proferir a expressão “benza Deus!” quando uma criança é elogiada, de modo a preveni-la da inveja. E aqui cabe uma observação importante. Na maior parte desses casos, trata-se da prevenção contra forças e energias desequilibradoras e potencialmente destruidoras que podem ser mobilizadas de forma não deliberada e inconsciente; mas nem por isso menos perigosas.

Importante ressaltar, mormente tendo em vista as diferentes percepções do fenômeno em questão nos diversos estratos sociais, que a aderência a essas explicações e justificativas para o mal, bem como as práticas que garantem a proteção, expressam uma cosmovisão, uma apreensão do mundo e das leis que o regem. E não uma simples incompreensão dos fatos e recursos – fisiológicos e/ou biomédicos – que seriam os “reais” causadores dessa moléstia, p. ex. no caso da perda da voz, ou da desafinação, no caso do cantor. Tais explicações e justificativas para o mal, bem como as práticas que o neutralizam, fazem parte de um sistema objetivo, de uma lógica de compreensão dos acontecimentos. Para que se dê a cura, o restabelecimento da ordem – o retorno da voz de Adélio e o reequilíbrio e reafinação entre os instrumentos e as vozes da Folia –, é preciso, antes de tudo, que se acredite que aquelas perturbações foram provocadas pela maldade de um capitão ou folião; e, depois, que se saiba que o melhor e mais eficaz antídoto para tal mal é o “pegar” com Deus e Santos Reis.

Outro aspecto também relevante para entender o contexto em que se deram esses acontecidos e sua interpretação é a presença de práticas consideradas profanas em outros contextos: a festa, a música, a comida, a bebida etc. Do ponto de vista dos foliões e devotos, entretanto, há, antes, uma continuidade entre o culto cristão e a festa popular do que uma contradição. A Folia de Reis é uma manifestação de certo tipo de espiritualidade que encerra em si uma continuidade entre os planos físico e espiritual, uma permeabilidade entre as esferas cotidiana e sagrada. Na verdade, a esfera do trabalho, da arte, da família, do lazer, da vida cotidiana, enfim, é vista como igualmente sagrada, uma vez que o sucesso e a bem-aventurança nela depende em grande medida da interferência das divindades e ancestrais protetores.

Com relação ao envolvimento das duas principais figuras nos eventos mais próprios da festa, há, contudo, uma diferença. O capitão praticamente se atém ao desempenho das funções religiosas ao passo que o palhaço participa de algumas dessas, tem clara interdição com relação a outras e primazia nos momentos lúdicos. Assim, se for do desejo do dono da casa, as brincadeiras e danças do palhaço se realizam após o encerramento do cantório. Este momento não apenas é separado das demais funções rituais da Folia, como sua realização se dá à revelia do capitão, dependendo mais de uma negociação direta entre o palhaço e o dono da casa.

A comida farta nos almoços e jantas da Folia de Reis está inserida no sistema de trocas recíprocas entre foliões e devotos e entre esses e os Santos Reis e constituem, assim, espaço e momento sagrados. Tem relação ainda com a celebração da abundância na colheita, na produção etc., além de, historicamente, demarcar o fausto da festa de Santos Reis do cotidiano de penúria e vida regrada. Igualmente inserida num espaço ritualizado de reforço de solidariedade e fraternidade está a distribuição de “uma cachaça pouca”; sendo apenas o excesso considerado impuro e indesejável^{viii}.

A execução de outras músicas que não os hinos da Folia de Reis – normalmente do gênero caipira / sertanejo – nos intervalos das funções, sim, caracterizam um

momento profano, desvinculado do ritual religioso. Os foliões participam ou não desses momentos – sempre bastante solicitados pelos donos das casas – segundo seu próprio arbítrio. Não há, em geral, regra de prescrição ou proibição. Alguns capitães, contudo, preferem evitar toda e qualquer atividade que não seja diretamente vinculada ao ritual da Folia. Outros admitem algumas, como a moda de viola e o catira ou a curraleira e o lundu – que são, respectivamente, danças de pares enfileirados ou circulares / solo (no caso do palhaço) –, mas não admitem baile, isto é, dança de par enlaçado.

A este respeito é deveras interessante a percepção do embaixador Luis Carlos Gomes Frazão, mais conhecido por Luisinho, da Folia de Reis de Inhumas – GO, especialmente porque, músico profissional, se sustenta financeiramente tocando em bares, festas e bailes. Num depoimento em que enfatiza o poder mediador do capitão, ele relaciona a inspiração divina na criação de versos ao fato de não misturar as esferas.

Quando cê vai fazer uma visita, aí cê chega lá na casa, cê fica sabendo mais ou menos da situação. Nesse caso não tem jeito de escrever. Isso é uma situação que acontece ali na hora. Como é que é isso? Cê cria os versos. Às vezes cê já tá girando há algumas horas, já tá muito cansado e os versos vai saindo tudo direitinho. De onde vem isso? Quem é que tá cantando ali naquela hora, colocando os versos no lugar certo? Aí que vem aquela parte que eu te disse do amor. Então você tendo amor, pensar sempre em Deus, sempre em Santos Reis, então não existe dificuldade na situação que você encontra. Cê vai encontrando, a situação logo te toca o que você tem que cantar. Então a gente não pode misturar outros assuntos com aquele assunto da folia, aquele assunto de Santos Reis, bíblico. Senão atrapalha. Então, a gente vai tranqüilo, porque a gente sabe que no momento Deus manda o que a gente tem que falar. Pra mim sempre mandou.

A Folia de Reis é uma manifestação religiosa que passa por uma série de mediações, notadamente, o cantorio e a bandeira, de um lado, e o palhaço e sua máscara e brincadeiras, de outro^{ix}. Deste último depoimento se depreende justamente a necessidade do cumprimento das prescrições rituais para o capitão exercer seu papel mediador junto aos Santos Reis. Por meio da presença da bandeira e do cantorio o capitão e o grupo trazem bênçãos para a moradia do devoto, envolvendo também na bem-aventurança a família deste, seu trabalho e negócios, seus bens e entes queridos. Os devotos, por sua vez, reconhecem esses capitães e guias como homens (eventualmente, mulheres) especiais, detentores de antiga sabedoria ligada ao poder criador da palavra e capazes de intermediar a relação deles com o plano do sagrado e, especialmente, “livrar do mal que *envém*”. E para isso contam com todo o grupo, especialmente com o palhaço, que é a figura que mais se expõe na tarefa de neutralizar as forças malignas. E é justamente isso que aparece sintetizado nas sábias palavras do capitão Domingos David:

Eu acredito que existe a maldade, mas eu acredito que não pega na gente. Se Deus quiser que não, porque a gente tá fazendo aquelas coisa ali pra Santos Reis, a gente tá fazendo com muita fé e a gente quer que tudo vai dar certo daquela maneira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CDs

Folia de Reis Devotos dos Magos. Clube do Violeiro Caipira de Brasília. 2011

Folia de Reis: tradição e Fé. Viola Brasileira Show. 2006.

DVD

A Marcha dos Três Reis. Clube do Violeiro Caipira de Brasília. 2011.

BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara**. A circulação de objetos culturais na Folia de Reis. Rio de Janeiro: 7 Letras; IPHAN/CNFCP, 2010.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

_____. *Homenagem a mestre Xidieh*. Em: **Literatura e resistência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p. 270 - 282.

DIAS, Paulo. *A outra festa negra*. Em: JANCSÓ, István & KANTOR, Iris (Org.). **Festa. Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa** v. 2. São Paulo: Hucitec, EDUSP, FAPESP, Imprensa Oficial. 2001, p. 859 - 888.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**: um estudo sobre a cura através da palavra. 2. ed., Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Ressonância, Materialidade e Subjetividade*. Em: **Antropologia dos Objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

LOPES, Nei. **Bantos, Malês e Identidade Negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. **Novo dicionário banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva – Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Em: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 10. ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1976.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de rei congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

ⁱ Versão resumida do texto *Pra livrar do mal que envém*, integrante da coletânea “As Artes Populares no Brasil Central: Performance e Patrimônio”, João Gabriel L. C. Teixeira e Letícia C. Vianna (orgs.). No prelo.

ⁱⁱ No caso específico da Folia de Reis *Devotos dos Magos*, são as seguintes as profissões dos principais integrantes: 6 lavradores; 2 pedreiros; 2 motoristas; 1 limpador de piscina; 1 chapa; 1 enfermeiro; 1 encarregado de serviço da prefeitura; 1 servente de pedreiro; 1 caminhoneiro; 1 armador; 1 estudante.

ⁱⁱⁱ Hoje é bastante comum o giro fora de época.

^{iv} A pesquisa foi realizada de forma mais sistemática entre os anos de 2009 e 2011. O contato com o grupo, entretanto, recua a janeiro de 2005 – ocasião em que foi feito o registro em áudio e fotográfico do Encontro de Folia de Reis do DF, que gerou o CD *Folia de Reis: tradição e fé*. De lá para cá, além de algumas viagens a Unaí fora do giro ou de apresentações da folia, acompanhamos o grupo durante dois dias no giro em janeiro de 2007, três dias no cumprimento de uma promessa em abril de 2008, durante quatro dos oito dias de giro no Mato Grande / Palmeirinha em julho de 2009 e nos oito dias do giro em 2010 e 2011. Em junho de 2010, estivemos com a Folia em apresentação na Romaria de Santo Antônio do Boqueirão, próximo a Unaí. Além disso, desde 2005, acompanhamos o grupo também nos três dias do Encontro de Folia de Reis do DF. No giro no Mato Grande / Palmeirinha em julho de 2009 e 2010 e no Encontro de Folia de Reis do DF em janeiro de 2010 foi feita a captação de áudio e de imagem e o registro fotográfico que geraram o CD *Folia de Reis Devotos dos Magos* e o DVD *A Marcha dos Três Reis*.

^v O coordenador é o responsável, junto aos festeiros, por organizar o giro da folia, marcando os almoços e jantas, bem como estabelecendo o roteiro das casas a serem visitadas. Adélio herdou essa responsabilidade de seu pai, Zé Lizardo.

^{vi} Interessante como, em outros grupos e culturas, a palavra também possui um poder criador. Escrevendo sobre os Nguni, nação banta da África do Sul, o padre Mongameli Mabona (1964, p.157-161) discorre sobre a importância, entre os africanos, da palavra como símbolo criador, como energia que gera e cria dimensões e

realidades novas e através da qual se estabelecem pactos e alianças. Exemplificando, diz ele que em Nguni os termos *igama* (nome) e *ilizwi* (som, voz, fala) significam antes de tudo “força” (LOPES, 2006, p. 160).

^{vii} Há quem os distinga com base na idade do enfermo: se for uma criança, diz-se que apanhou quebranto; se for adulto, o caso é de mau-olhado.

^{viii} Alguns capitães e coordenadores vedam peremptória e terminantemente qualquer consumo de álcool. Por outro lado, alguns grupos mais permissivos às vezes passam por situações constrangedoras que comprometem o ritual.

^{ix} Já se mencionou que esta separação não é tão rígida e que cabe certa mobilidade e reversibilidade entre esses polos.